

**LEITURAS EM TRÂNSITO: O TRAJETO
RIBERINHO/PROFESSOR/PESQUISADOR/LEITOR**

**Raelisson do Nascimento Walter¹
Maria José da Silva Morais Costa²
Vera Lúcia de Magalhães Bambirra³**

RESUMO

Este trabalho se propõe a uma reflexão a respeito da noção de identidades a partir das discussões realizadas na disciplina “Literatura, Memória e Identidade” do mestrado em Letras da Universidade Federal do Acre e da minha própria trajetória como um sujeito cujo devir se constitui no trânsito entre o seringal e a cidade. É nessa busca de observar como essas identidades são construídas que o presente artigo se desenvolverá aproximando-se de noções básicas que auxiliem numa reflexão mais particularizada de um trajeto antropológico marcado pela leitura como amálgama que funde realidades. Mas para que seja possível essas reflexões, foram necessárias entender alguns conceitos expostos por pesquisadores que debatem sobre identidades. As discussões elaboradas por esses autores em torno do diálogo necessário para a construção de identidades (Moura), da insegurança nas definições de identidades por parte dos indivíduos no mundo atual (Bhabha e Bauman), da concepção de fronteira como lugar de trânsito e dualidade (Baller) e, por fim, da identidade como algo em constante estado de transformação e ebulição (Rajagopalan), me auxiliaram no processo de leitura de uma realidade específica. Sendo apresentado ainda autores que discutem sobre o processo de leitura, como: a complexidade de Morin, Foucault e Freire. A reflexão feita aqui se estrutura a partir da análise de três momentos/espacos/identidades de minha trajetória, quais sejam, professor/leitor/ribeirinho. Logo, para um entendimento mais claro dos três termos, bem

¹ Mestrando em Letras: Linguagens e Identidades pela Universidade Federal do Acre. Graduação em Letras - Inglês pela Universidade Federal do Acre (2013). Campus Floresta. walterraelisson@gmail.com

² Doutora em Educação pela Universidade Federal Fluminense (2012). Atualmente é diretora do Centro de Educação e Letras – CEL, na Universidade Federal do Acre – Campus Floresta. zezamorais@gmail.com

³ Doutora em Educação pela Universidade Federal Fluminense (2012). Atualmente é Professora do Ensino Superior da Universidade Federal do Acre e Membro de comitê assessor da Universidade Federal do Acre. verabambirra@bol.com.br

como, da relação entre eles, foram elaboradas três narrativas que deram base para essa reflexão.

Palavras chave: Identidade. Leituras em Trânsito. Fronteira.

ABSTRACT

This work proposes a reflection on the notion of identity from the discussions held in the course "Literature, Memory and Identity" of the Master in Letters of the Federal University of Acre and my own career as a subject whose becoming constitutes the transit between the seringal and the city. It is this quest to see how these identities are constructed that this article will develop approaching basics that help a more particularized reflection of an anthropological path marked by the reading as amalgam blowing realities. But it is possible these reflections were necessary to understand some concepts exposed by researchers debate about identities. Discussions elaborated by these authors around the dialogue necessary for the construction of identities (Moura), insecurity in part by identity definitions of individuals in the world today (Bhabha and Bauman), border design of a place of transit and duality (Baller) and, finally, identity as something steady state processing and boiling (Rajagopalan), assisted me in the process of reading a specific reality. Still being presented authors discuss the process of reading, such as the complexity of Morin, Foucault and Freire. The reflection made here is structured from the three stages analysis/spaces/identities of my career, namely, professor/reader/riverine. Thus, for a clearer understanding of the three terms, as well as the relationship between them they were prepared three narratives that provided the basis for this reflection.

Keywords: Identity. Readings in transit. Border

As discussões em torno do termo identidades têm crescido significativamente nas últimas três décadas e principalmente no âmbito acadêmico. Tais discussões tornaram-se importantes pelo fato de haver uma necessidade de reafirmação tanto do indivíduo quanto dos diversos grupos que surgem no cenário contemporâneo. Segundo o linguista russo Rajagopalan, hoje já não há mais quem, em sua consciência, acredite que as identidades se apresentem como

prontas e acabadas (2008, p.71). Pelo menos no espaço da academia, esse é um fato observável nitidamente diante das discussões que têm sido elaboradas em torno da questão.

Logo, quando nos posicionamos diante dessa afirmativa de Rajagopalan, surge então um desconforto no sujeito que tem diante de si o desafio de buscar entender o processo de construção dessas identidades. Nesse texto, me posiciono como esse indivíduo. Busco aqui, elaborar uma reflexão a respeito da noção de identidades a partir das discussões realizadas na disciplina “Literatura, Memória e Identidade” do mestrado em Letras da Universidade Federal do Acre, da minha própria trajetória como um sujeito cujo devir se constitui no trânsito entre o seringal⁴ e a cidade e, além disso, das contribuições dadas pelo processo de orientação que se inicia.

Assim, ainda que o artigo seja construído em primeira pessoa, ele é resultado de uma escrita a três mãos. As orientações dadas no decorrer da disciplina e também as orientações pós disciplina são fios que se tecem junto com minha narrativa e produzem o tecido que ora se apresenta. É nessa busca de observar como essas identidades são construídas que o presente artigo se desenvolverá aproximando-se de noções básicas que auxiliem numa reflexão mais particularizada de um trajeto antropológico marcado pela leitura como amálgama que funde realidades.

Antes que haja a verificação de tais noções identitárias, faz-se necessário apresentar alguns autores que mergulharam nessa discursão sobre identidades, como é o caso de Milton Moura (2005) que apresenta algumas biografias pertinentes para a discussão sobre a temática, mais especificamente, de um grupo que não estava acostumado a se conceber como intelectual. Segundo Moura, para que haja uma afirmação, pequena que seja, sobre a identidade de alguém, é necessário que tenha outras identidades em contato, num diálogo que possibilite a construção de uma pela outra (2005: 78).

Na direção do entendimento de Moura, Homi Bhabha discute sobre identidades, na obra *O local da cultura*, visitando autores como Stuart Hall, Foucault, Fanon, Derrida e Mil. Esses estudiosos da cultura o ajudam a pensar a noção de identidades juntamente com as noções de entre-lugar, fronteira e hibridismo, direcionando-nos a perceber que nos dias de hoje já não conseguimos nos autodefinir tão facilmente. Essa autodefinição torna-se intangível por alguns aspectos: pelo fato de não vivermos em um lugar fixo; porque nossos contatos com outras

⁴ O seringal era a unidade física de produção de borracha compreendida uma extensa área do espaço geográfico, quase sempre situado num vale de rio abundante em seringueiras, principalmente na região amazônica é que hoje as pessoas que vivem nesses locais cultivam a agricultura.

culturas de diferentes lugares do mundo não nos fazem apenas um; e, ainda, porque a fronteira apresentada por Bhabha agora não é apenas espacial, mas temporal também. Encontramo-nos, portanto, num momento de trânsito entre espaço e tempo cruzando-nos e produzindo figuras complexas de diferenças e identidades, envolvendo ao mesmo tempo, passado e presente, inclusão e exclusão, exterior e interior, o que nos torna “indivíduos desorientados” quanto a uma definição única, pronta e acabada sobre identidade (1998: 19).

Essa leitura vai ao encontro com as concepções expostas pelo sociólogo e escritor polonês Zygmunt Bauman com vários livros escritos contemplando o campo de estudos de identidades na contemporaneidade. Detive-me em ler dois livros dele que são importantes nesse processo de reflexão sobre identidades, são eles: *Identidade: Entrevista a Benedetto Vecchi*: (2001) e *Modernidade Líquida* (2004). Nessas obras, ele dá pistas de como as identidades em meio a uma sociedade “leve”, “líquida” e “fluida” se revelam de maneira dinâmica Sugestão: na vida humana contemporânea. Diante disso, cada vez mais nos sentimos inseguros em qualquer tentativa de definição de nossas identidades.

Leandro Baller é outro pesquisador que trabalha com conceitos de identidades a partir da noção de fronteira enquanto marco divisório de território. Ele elabora essa temática no texto “Mulheres da fronteira e suas narrativas orais” (Apud: Leite: 2012, 233-257) onde explora a noção de espaço fronteiro a partir das narrativas orais de mulheres que vivem nas fronteiras entre o Brasil e o Paraguai. A discussão elaborada por ele ajuda a entender como as identidades dessas mulheres ganham substância naquele lugar, ao mesmo tempo em que se formulam para além dele.

Nesse movimento, Baller define espaço fronteiro como dualidade, que muitos entendem como transitório entre nações, culturas, identidades, costumes, trabalho, etnias, enfim, espaço que é (re) trabalhado a todo momento em suas características e definições (2012: 234). A noção de fronteira, para ele, comunga, portanto, com o entendimento de Bauman e Bhabha a respeito de identidades, uma vez que ambas compartilham da transitoriedade e da fluidez que caracteriza a visão de mundo do homem contemporâneo.

Kanavillil Rajagopalan, professor e linguista russo, compartilha desse pensamento quando afirma que as identidades estão, todas elas, em permanente estado de transformação, de ebulição. Elas estão sendo constantemente reconstruídas. Ainda segundo ele, em qualquer momento dado, as identidades estão sendo adaptadas e adequadas às novas circunstâncias que vão surgindo (2003: 71). Percebe-se a partir desses entendimentos que tanto a noção de identidade quanto a ideia de fronteira são contaminadas por esse estado de permanente

reconstrução. São, desse modo, epistemologias em um movimento instituinte contínuo e inquieto.

As discussões elaboradas por esses autores em torno do diálogo necessário para a construção de identidades (Moura), da insegurança nas definições de identidades por parte dos indivíduos no mundo atual (Bhabha e Bauman), da concepção de fronteira como lugar de trânsito e dualidade (Ballar) e, por fim, da identidade como algo em constante estado de transformação e ebulição (Rajagopalan), me auxiliaram no processo de leitura de uma realidade específica. Quando me coloco em postura leitora e me proponho a refletir a respeito de minha trajetória enquanto ribeirinho/professor/pesquisador/leitor da Amazônia, esses instrumentos teóricos são importantes para melhor compreensão de meus espaços/tempos.

Nesse sentido, é que a reflexão feita aqui se estrutura a partir da análise de três momentos/espacos/identidades de minha trajetória, quais sejam, professor/leitor/ribeirinho. Os três vocábulos que disponho lado a lado pertencem a campos semânticos distintos. Professor e leitor até se aproximam mais. Porém, qual a razão do termo ribeirinho acompanhar os dois? Ele pertence a um campo semântico aparentemente distante daquele que abriga o leitor professor. Logo, para um entendimento mais claro dos três termos, bem como, da relação entre eles, passo à narrativa que dá base para essa reflexão e tem como cenário três espaços diferentes, colocação/seringal/cidade ribeirinha.

O ribeirinho

Nasci na colocação⁵ Pedra Preta, no seringal Foz do Tejo, às margens do rio Tejo, afluente do alto rio Juruá, município de Marechal Thaumaturgo, onde vivi até os 18 anos. Durante esse tempo, as experiências foram se acumulando no ritmo típico do seringal. Desde que me entendo por gente, lembro o trabalho no roçado acompanhando meus pais. O roçado era, para mim, um lugar onde as conversas se misturavam com as atividades da broca, da coivara, do plantio, da limpa e da colheita. Era, portanto, o local onde a oralidade surgia do emaranhado dessas lidas diárias, típicas da vida ribeirinha.

⁵ Colocação: era a área do seringal onde a borracha era produzida. Nesta área, localizava a casa do seringueiro e as "estradas" de seringa. Um seringal possuía várias colocações. Para os seringueiros, no entanto, a colocação é mais que um conjunto de estradas de seringa. É um microcosmo social e natural, concebido como idealmente autônomo em produtos agrícolas – farinha, tabaco, milho, café, açúcar –, em carne de caça, em materiais de construção.

Lembro ainda dos momentos vividos à margem do rio, quando pude experienciar o marisco pegando piloto⁶ na popa da canoa, enquanto meus irmãos se encarregavam do lance e da consequente abertura da tarrafa. Ou quando acompanhava minha mãe na lavagem de roupa no cepo⁷ posicionado às margens daquele curso de água. Foi nesse espaço/tempo que o sentimento de pertença se fixou em mim. A beira do rio também era espaço propício para as mais diferentes conversas. Ali, ouvi minha mãe contar histórias que deixaram marcas para toda vida. Causos do boto a encantar moças donzelas; da cobra grande; ou de uma simples construção frasal que permanece na memória como signo de um tempo mítico – “têm mais olhos na água do que cabelo na terra” – o que deixa o sujeito arisco em aproximar-se do rio à noite.

Outra lembrança marcante nesse tempo de colocação Pedra Preta eram as idas e vindas de meu pai do seringal à cidade e da cidade ao seringal. Quando isso acontecia, geralmente uma vez ao ano, toda a vida da colocação se voltava para a chegada de meu pai. Todos, minha família e eu, ficávamos apreensivos com os agrados a serem recebidos e com as inúmeras histórias a serem contadas e recontadas por ele – o conteúdo de cada uma dessas viagens correspondia a um ou dois meses de contação de histórias. O ouvir dessas histórias produziu em mim uma curiosidade insaciável por conhecer o espaço visitado tantas vezes por aquele homem tão admirado.

O seringal foi o espaço onde esse amontoado de vivências tão familiar para mim se entrelaçou com a escola e com a ação de aprender a ler. Eu tinha curiosidade, tinha histórias, tinha conversa com gente grande e tinha um professor que costumava dizer: “Leiam tudo o que estiver pela frente”. Por todas essas razões, o processo de aquisição da leitura não foi traumático para mim. Hoje posso entender o que disse Foucambert em sua obra *Modos de ser leitor: Ler algo... faz parte de um vasto jogo de poder, que se inicia no momento do aprendizado da leitura, isto é, na escola* (2008: 173). A partir daquele momento eu passava a viver, mesmo inconscientemente, esse jogo do poder.

Tornei-me leitor no trânsito entre a escola, no seringal Foz do Tejo, e minha casa na colocação Pedra Preta. Lá eu lia os catálogos, as revistas e as bulas de remédio que apareciam.

⁶ Pegar piloto é o mesmo que dirigir uma canoa/embarcação de pequeno porte no rio.

⁷ Cepo, para o ribeirinho é um objeto de madeira construído para fins de lavagem de roupas manualmente posicionando à margem de um rio, igarapé ou cacimba.

Mesmo muito desatualizados, esses portadores textuais me cativavam e me projetavam para fora do espaço da colocação. A partir de então, comecei a nutrir uma vontade grande de sair da colocação e conhecer a cidade. Minha vivência de seringal, portanto, se assemelha bastante com a do menino Alfredo, criado por Dalcídio Jurandir (1995), cujo desejo maior era sair da cidade ribeirinha de Cachoeira e conhecer a escola da cidade grande. Diante disso, essa personagem dalcidiana se apresenta como símbolo de tantos meninos/adolescentes que, como eu, desejam conhecer mundos outros, diferentes dos seus.

O professor/pesquisador

Comecei a lecionar aos 21 anos em uma escola de Ensino Fundamental de Cruzeiro do Sul, quando ainda cursava o sexto período do curso de graduação em Língua Inglesa. Recordo-me da primeira vez que entrei em sala de aula como professor. Estava com muito medo, pois além de ser a primeira vez que estaria lecionando, me sentia inseguro para desenvolver tal trabalho. Não tinha experiência e muito menos desenvolvido a competência linguística em língua inglesa que é necessária a um professor de língua estrangeira. Isso me deixava desapontado por não oferecer a meus alunos um ensino de qualidade, pois não conseguia desenvolver as quatro principais habilidades da língua inglesa com eficiência.

Graduado, no início do ano de 2013, me desloquei da cidade de Cruzeiro do Sul para Marechal Thaumaturgo, onde trabalhei por um ano. Com a experiência que adquiri lá, percebi o quanto precisava melhorar minha atuação em sala de aula, no quesito de competência linguística, pois, ainda que o ensino de língua inglesa no município não fosse tão avançado, eu analisava a minha necessidade enquanto profissional de língua estrangeira de estar buscando me atualizar diante dos novos conhecimentos que surgem constantemente. Foi então que comecei a observar minha prática docente em sala de aula e a pesquisar formas de melhorá-la.

Meu papel de pesquisador ganhou sustança no momento de meu retorno a Cruzeiro do Sul, exercendo o cargo de professor substituto no Ensino Superior na Universidade Federal do Acre – *Campus Floresta*. Iniciava-se uma nova etapa, pois, naquele momento eu estava lidando com outro público e que era bem mais exigente. Mais uma vez tive a confirmação da necessidade de ser professor/pesquisador. Na universidade me foi oferecida a oportunidade de envolvimento com a pesquisa em caráter profissional e científico, exemplo disso é o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC). Não menos importante, foram as

experiências positivas que tive no período da graduação quando fui monitor de disciplinas por várias vezes, isso me ajudou muito no saber lidar com os alunos em sala de aula.

Minha experiência como docente no ensino superior durou dois anos e, correlata a essa atividade, já era docente em uma escola de Ensino Médio do município de Cruzeiro do Sul. Esse *know-how* foi ponderoso para meu processo formador, pelo fato de, ao mesmo tempo em que estava discutindo metodologias para o ensino de línguas na escola básica com os acadêmicos do curso de Letras Inglês, eu, similarmente, atuava em sala de aula enquanto professor de ensino básico. Logo, as discussões feitas na universidade foram se materializando na minha atuação em sala de aula. Pois, ao mesmo tempo que discutia as teorias com meus acadêmicos, futuros professores, eu as aplicava no ambiente escolar, ao ministrar aulas para minhas turmas de Ensino Médio.

Esse percurso de professor/pesquisador me faz destacar alguns aspectos que marcaram esse tempo de formação profissional imprescindível para a constituição de minhas identidades docentes. O professor que sou hoje é fruto desse movimento de formação que inclui a graduação acompanhada do início de minhas atividades no magistério em uma cidade ribeirinha. O posterior retorno ao município de Cruzeiro do Sul para, já com a consciente necessidade da pesquisa, ingressar como professor do ensino superior e concretizar a possibilidade da investigação mais criteriosa de minha prática docente com a participação no mestrado em Letras.

O leitor

A leitura é o amálgama a fundir essas identidades que foram se constituindo paulatinamente à revelia de mim mesmo. Os tempos que vivi na colocação Pedra preta, no seringal Foz do Tejo, no município de Marechal Thaumaturgo e no município de Cruzeiro do Sul se entrelaçam na minha trajetória e se materializam na vontade de ler e conhecer mundos diferentes daquele da colocação. A leitura é entendida aqui, portanto, como acesso às formas de representação desses espaços/tempos e como o amálgama que funde realidades outras. Ela une dimensões distantes, espaciais, temporais, contextuais. É a aproximação entre quem escreve e quem lê. Logo, universos diferentes se encontram no momento em que essa atividade se realiza.

Edgar Morin, em sua obra *Ciência com consciência*, considera o mundo a partir de um tipo de explicação em movimento, circular, em que vamos das partes para o todo e do todo para as partes, a fim de tentar compreender um fenômeno. A leitura, nesse texto, se coloca como um fenômeno e, em sendo assim, ela deve ser observada desse modo caleidoscópico em que as vivências dos leitores envolvidos na ação de ler, bem como os percursos construídos por eles são fundamentais para o entendimento do significado que a leitura tem para cada um deles e para o grupo. Assim, as leituras realizadas durante minha infância e adolescência se misturam às leituras feitas no mestrado, à leitura de mundo que hoje tenho e a uma leitura de mim mesmo que permanece em estado de constante ebulição.

O ribeirinho que sou é encharcado dessa vontade de ler o mundo, na perspectiva de Paulo Freire, e de ler o escrito, aquilo que é ensinado na escola que, portanto, ajuda as pessoas a alcançarem outros patamares distintos daqueles que conhece desde o nascimento. Quando digo que essas identidades se constituíram à revelia de mim mesmo, me refiro ao fato de nem sempre estar consciente desse processo. Quando assumi o professorado pela primeira vez no município de Thaumaturgo, não tinha essa consciência leitora tão clara e definida em minha mente. Ela veio com a continuidade da vida acadêmica.

Após a graduação, quando ingressei como professor de nível superior, pude perceber com mais intensidade a urgência que tinha em refletir a respeito de minha própria prática pedagógica. Ali, tive a certeza que a pesquisa era a saída para o melhor desenvolvimento de minhas atividades em sala de aula. A atividade da pesquisa tem como um dos seus principais instrumentos, a leitura. Agora, minha identidade ribeirinha se fundia, pelo meu trajeto de leitor, claramente com a identidade de professor/ pesquisador. Esse percurso me atrai o tempo todo para os espaços/tempos que me forjaram. A reflexão que se tece neste texto é um exercício que busca compreender a questão da leitura, de minhas leituras, de modo mais amplo e complexo. Quando refaço o percurso que me fez ribeirinho/professor/pesquisador/leitor penso na formação do leitor/professor que realiza a atividade de ler enquanto indivíduo, e, além disso, é um potencial formador de outros leitores que serão oportunamente ligados a ele pela atividade profissional.

O processo de leiturização, termo utilizado por Jean Foucambert, se resumiria então no aprender a ler, uma atividade permanente no ser humano, marcada pelo ingresso numa nova

maneira de ser, pela conquista de um modo de pensar mais abstrato, mais distanciado, mais teórico (2002: 110). Tal como afirma Foucault quando reflete a respeito dessa questão:

Ter uma leitura flexível, poder saborear um texto palavra após palavra, voltar atrás para comparar e aprofundar, dizer um trecho em voz alta, por prazer, ler entre as linhas, interrogar-se sobre essa aventura da escrita oferecida pelo autor, tudo isso é o uso e o direito da verdadeira leitura lenta; tudo isso só é feito por quem sabe ler bem e, portanto, lê rapidamente quando é necessário. (1994: 89)

A vivência ribeirinha do seringal e, porque não dizer, da cidade – já que tanto Cruzeiro do Sul quanto Marechal Thaumaturgo são cidades cuja formação histórica teve como referência a beira do rio – estabelecem um diálogo necessário para a construção de minhas identidades. Esse processo não é, em nenhum momento seguro, pelo contrário, ele se faz nas inseguranças típicas dos espaços fronteiriços, dos lugares de trânsito entre o seringal, a colocação e a cidade, entre a vida familiar e da vizinhança e a vida da academia e da escola básica, entre a leitura lenta e prazerosa e a leitura disciplinada, com hora marcada para acontecer, entre o leitor menino, ribeirinho e o leitor adulto, professor, pesquisador. A compreensão desse constante estado de transformação e ebulição é um desafio para mim. A reflexão sobre ele é um passo dado no sentido dessa compreensão e abre possibilidades de ler melhor, tanto esse como outros processos leitores que virão.

Referências bibliográficas

BALLER, L. Mulheres da fronteira e suas narrativas orais. In: LEITE, E. F.; FERNANDES, F. (Org.). *Trânsitos da voz: estudos de oralidade e literatura*. Londrina: EDUEL, 2012. (p. 233-257)

BAUMAN, Z. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

_____. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi/Zygmunt Bauman*. Rio de Janeiro: Joege Zahar ed., 2005.

BHABHA, H. K. *O local da cultura*. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. 1. ed. Belo horizonte: Editora UFMG, 1998.

FOUCAMBERT, J. *A leitura em questão*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

_____. *A criança, o professor e a leitura*. Porto Alegre: ARTMED Editora Ltda, 2002.

_____. *Modos de ser leitor: aprendizagem e ensino da leitura no Ensino Fundamental*. Trad. Lúcia P. Cherem e Suzete P. Bornatto. Curitiba: Editora UFPR, 2008.

FREIRE, P. *A importância do ato de ler em três artigos que se complementam*. 47 ed. São Paulo: Cortez, 2006.

JURANDIR, D. *Chove nos campos de Cachoeira*. 4 ed. Belém: Cejup, 1995.

MORIN, E. *Ciência com consciência*. Trad. Maria D. Alexandre e Maria Alice Sampaio Dória. 11 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MOURA, M. Identidades: construção de identidades, identidade local, regional, nacional, bairrada, brasilidade, identidade e militância. In: RUBIM, A. *Cultura e Atualidade*. Salvador: EDUFBA, 2005.

RAJAGOPALAN, K. "A construção de identidades: linguística e a política de representação" In: *Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e a questão ética*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003, p. 71-76.